

“O melhor romance sobre segundas chances que já li. Engraçado, sexy e afetuoso.”

— ASHLEY HERRING BLAKE, autora de *Delilah Green não está nem aí*

Só mais uma comédia romântica



KATELYN DOYLE



PARTE UM

Escola Preparatória Palm Bay,
reencontro de quinze anos

Novembro de 2018

CAPÍTULO 1

Molly

Se algum dia você organizar um evento que exija alugar uma tenda branca, pode ter certeza de que eu, Molly Marks, vou confirmar presença já me arrependendo.

Se a tenda for adornada com flores de fora da estação, milhares de luzinhas pisca-pisca, ou se tiver lugares demarcados por cartões de papel imitando linho – se tiver uma pista de dança, uma banda de casamentos, um palco para discursos –, esteja certo de que estarei ausente, torcendo por você, meu querido amigo, a centenas de quilômetros de distância.

Não é nada pessoal. Tenho certeza de que seu evento é importante e de que você é um anfitrião incrível.

Mas a tenda branca é um monumento a demonstrações públicas de afeto, e sentimentos me dão náuseas. Se eu for obrigada a demonstrar um sentimento – o que é péssimo, aliás –, prefiro fazer isso em casa, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas, vestindo um roupão sujo de cobertura de bolo e respingos de vinho branco.

Então você pode entender por que, nesta noite abafada em uma ilha iluminada pelas estrelas e famosa por suas praias cor de champanhe, meu entusiasmo é o mesmo de uma mulher mancando em direção a seu túmulo tropical com vista para o mar.

Pois logo à frente, sob o brilho perolado da lua cheia da Flórida, está a boca faminta de uma tenda do tamanho de um navio de cruzeiro.

E, cercada de buganvílias falsas e iluminada por holofotes que piscam em tons de violeta e rosa, uma faixa proclama com uma fonte jubilosa:

BEM-VINDOS AO REENCONTRO DE QUINZE ANOS,
TURMA DE 2003!!!

Três pontos de exclamação. Isso é letal.

Admito que, em outras circunstâncias – se eu fosse outra pessoa, por exemplo –, a atmosfera que me dá boas-vindas sob a tenda ondulante até poderia ser algo saído de um sonho.

O ar, afinal, cheira a jasmims, flores de laranjeira, e à brisa salgada que sopra do Golfo do México. A pista de dança é iluminada por tochas que emitem uma luz bruxuleante. Há um bar de champanhe e um buffet que serve lagosta. Homens e mulheres bem-vestidos se abraçam com sinceridade genuína, sorrindo. Vejo até lágrimas em alguns rostos.

Levo a mão à garganta e sinto os batimentos acelerados. Foi um erro não tomar um calmante no hotel. Talvez eu possa me esconder em um dos postos dos salva-vidas.

– Não vou conseguir – sussurro para minha melhor amiga, Dezzie.

Ela e o marido, Rob, são o mais próximo de um acompanhante que consegui para o evento.

Ela aperta minha mão com uma pressão exagerada – um gesto que tem a intenção de me consolar, ou, quem sabe, machucar o bastante para me trazer de volta à realidade na base do susto.

– Você *vai* conseguir – responde ela, também sussurrando.

– Essa é a prova de que minha esposa estudou em uma escola preparatória metida a besta na Flórida – comenta Rob, sem se preocupar com meu nervosismo. – Esse reencontro parece uma festa de casamento.

– Na verdade, isso aqui dá de dez a zero no nosso casamento – diz Dezzie, me arrastando.

Passamos por uma mesa cheia de sacolas de lembrancinhas com repelentes e chinelos cobertos de brilho. Paramos para observar os centros de mesa com abacaxis, orquídeas e palmeiras de uns trinta centímetros de altura cobertas de strass.

– É isso que você ganha por se casar com um assistente social pobre – diz Rob. – E se a gente aproveitasse a decoração pra renovar os votos?

– Se existe alguma coisa pior que um reencontro de turma – respondo,

soturna –, é um reencontro de turma com uma renovação de votos. Além do mais, é universal: todo casal que renova os votos termina em, no máximo, um ano. Vocês são um casal perfeito demais pra jogar tudo fora por um pouco de camarão.

– Pelo visto estamos mais animados hoje – diz Rob, estendendo a mão para dar um tapinha em meu ombro.

A sorte de Rob é que estou desolada demais para responder, ou o acertaria bem nas costelas. Ele e Dezzie estão juntos há tanto tempo que Rob e eu somos quase como irmãos. Do tipo que se ama muito e demonstra isso através de bate-bocas e um pouquinho de violência física.

– A cara fechada era a marca registrada de Molly na escola – diz Dezzie.
– Ela foi eleita a “mais pessimista” no último ano.

Jogo o cabelo para trás.

– Uma conquista da qual me orgulho até hoje, muito obrigada. Me esforcei muito por isso.

Tive uma vantagem nessa conquista: minha tendência juvenil a ataques de pânico. Mas não tenha pena de mim. Cresci, procurei um psiquiatra e hoje sou uma mulher forte e destemida com um coquetel de antidepressivos e ansiolíticos.

– Não consigo imaginar como Molly era na adolescência – diz Rob, aceitando um bolinho de caranguejo minúsculo salpicado de caviar oferecido por um garçom. – Levando em consideração o quanto ela é insuportável hoje, eu diria que não era boa coisa.

Ele abre um sorrisinho malicioso, e é minha vez de lhe dar um tapinha no ombro.

– Meu Deus, ela era insuportável – diz Dezzie, me abraçando com carinho.
– Só queria saber de poesia triste, café sem açúcar, e de fazer discursos feministas no clube de debate. A personificação de uma tatuagem da Sylvia Plath.

– Então, literalmente, nada mudou – retruca Rob.

– Não é verdade – respondo. – Eu sou um doce de pessoa. Só não um doce que estaria nesta festa.

Por favor, acredite: é verdade. Eu moro em Los Angeles e minha carreira depende da minha capacidade de dar início a conversas animadas à beira de piscinas de casas gigantescas em Hollywood Hills, isso enquanto bebo a quantidade exata de champanhe. Sou capaz de encantar qualquer um,

converso como a protagonista de um romance e faço networking com tanta facilidade que até parece estar me divertindo.

Mas isso é na vida real.

Isto aqui é uma versão de mentirinha do ensino médio.

– Bom – anuncia Rob –, hoje vamos te deixar tão empolgada com a ideia de encontrar velhos amigos que eles nem vão te reconhecer. Né, Dezzie?

Dezzie está analisando os arredores e não prestou atenção em nada do que dissemos.

– Onde vamos nos sentar?

– Vamos pegar uma mesa no fundo, onde ninguém venha falar com a gente – sugiro.

Ela bate no meu braço com a bolsa. É uma bolsa muito bonita. Dezzie tem muito bom gosto. Está com um vestido curto e estruturado que parece da Comme des Garçons, mas que, quando meu queixo caiu de tanta inveja ao vê-la, ela garantiu ser uma túnica presa de um jeito inovador que veio da grande casa de alta costura também conhecida como Amazon. Seu cabelo é preto e brilhante, com um corte *long bob*, e os lábios estão em um tom de vermelho que realça sua pele clara com perfeição. Rob, por sua vez, tem sorte por ser bonitão e ter o maxilar marcado, porque seu estilo pode ser carinhosamente chamado de desleixado. Ele está com a calça cáqui amarrotada de sempre, que hoje ele combinou, se é que posso usar essa palavra, com um paletó de tweed claramente quente demais para o clima que está fazendo e um mocassim preto surrado que não é da mesma cor do cinto. Eles formam um casal curioso, como se a Karen O namorasse o Jim de *The Office*. Mas têm uma química invejável.

– Ai, meu Deus, Molly, você *precisa* parar de reclamar – diz Dezzie. – Faz quinze anos que você não vê essas pessoas. Você pegou um avião de Los Angeles até a Flórida, que você detesta. Não vou deixar que se esconda atrás de uma taça de vinho a noite toda mandando mensagens sarcásticas para mim e pra Alyssa por baixo da mesa.

– Se acha que vou beber algo leve como vinho, você realmente não me conhece – digo. – Além do mais, vi que estão servindo coquetéis exclusivos do evento. Como resistir a um Palm Bay Preptini?

– Uau, qual será o sabor da nostalgia de uma escola particular que custa mais de 3 mil dólares por mês? – pergunta Rob.

Pego uma taça coupé de um garçom que passa por nós e viro metade do líquido laranja-claro.

– Mulheres suando em um vestido Diane von Furstenberg, caras velhos e bêbados dançando hip-hop... e, hum, rum, ou algo do tipo.

Dezzie vai direto até uma das mesas e volta segurando três cartões.

– Achei nossas mesas – diz, me entregando um.

Molly Marks, Mesa 8.

Sinto um frio na barriga.

– Espera. Os lugares são *marcados*?

Dezzie dá de ombros.

– Foi a Marian Hart que organizou. Acho que ela quis incentivar as pessoas a se misturarem. Sabe como ela é.

Marian Hart foi presidente da nossa turma e rainha do baile de formatura. Ela tem a energia implacável e otimista de uma diretora de recreação de um cruzeiro.

– Por favor, me diga que estamos na mesma mesa – digo, pegando o cartão de Dezzie.

Desdemona Chan, Mesa 17.

– Que inferno – resmungo. – Espero que a Alyssa esteja na minha mesa.

Alyssa é nossa outra melhor amiga, parte do trio resistente que formamos no segundo ano.

– Não está. Eu vi o cartão dela, ela está na mesa 11. Além do mais, o voo dela atrasou e ela ainda deve demorar uma hora pra chegar. Ou seja, não vai poder te salvar. Você vai ter que *socializar*.

– Eu *sei* socializar muito bem – retruco. – Meu problema é a nostalgia falsa e a animação forçada.

A banda de caras brancos tocando covers do Jimmy Buffett em tambores de aço termina “The Weather Is Here, I Wish You Were Beautiful”, e ninguém menos que Marian Hart sobe ao palco.

Ela está impecável, o que não é nenhuma surpresa. O cabelo loiro com luzes perfeitas está preso em um coque elegante, que não sei como não está se desfazendo na umidade da Flórida, e seus braços parecem patrocinados pela empresa da Gwyneth Paltrow.

– Gente! – Ela dá um gritinho no microfone. – Que incrível ver todos

vocês. Temos 158 pessoas da nossa turma de 167 aqui esta noite, vocês acreditam? Vamos. Nos. Divertir. MUITO.

Seus olhos azuis chegam a revirar de empolgação.

Enterro a cabeça no ombro de Dezzie.

– Já estou detestando tudo. Por que estou aqui?

– Você *quis* vir, sua hipócrita. Trate de se animar. Pode ser que você se divirta.

Ela está enganada. Eu não “quis” vir. Estou aqui porque cedi à pressão. Sou a única do nosso pequeno círculo que mora do outro lado do país, e as oportunidades de nos encontrarmos estão cada vez mais raras desde que Alyssa virou mãe. Mas estou terminando um projeto e não gosto de viajar quando estou escrevendo.

– Eu devia estar em casa – digo.

– Você pode tirar quatro dias de folga – diz Rob. – Não é uma oncologista.

Estou mesmo bem longe de salvar vidas. Escrevo roteiros de comédias românticas. Pense em encontros fofos, cenários chamativos, galãs segurando lágrimas enquanto confessam seu amor improvável a mulheres que trabalham em revistas e estão com o cabelo sempre bem escovado.

Vou esperar você parar de rir.

Minha carreira está no extremo oposto da minha personalidade. Mas fique sabendo que sou muito boa no que faço. Tive dois sucessos consecutivos assim que terminei a pós-graduação. É verdade que já faz oito anos, mas minha produtora está negociando com uma atriz importante para o papel principal do roteiro que estou terminando, e acho que pode ser um sucesso.

Um grande sucesso.

E preciso muito que seja. Tenho um trabalho estável como roteirista freelancer, mas, depois do sucesso imediato, fui vaidosa o bastante para acreditar que seria a próxima Nora Ephron ou Nancy Meyers, lançando clássicos e nadando em dinheiro. No momento, estou deixando a desejar no departamento “voz milionária de uma geração”.

– Já vão começar a servir os aperitivos – continua Marian, no palco. – Então, se puderem se sentar, seria ótimo. Vamos ter um jantar fabuloso, e depois vamos dançar até o chão como se tivéssemos 16 anos de novo! Para aquecer, temos perguntas pra quebrar o gelo em todas as mesas. Conversem enquanto desfrutem das vieiras. Agora vão se divertir!

Seguro a mão de Dezzie.

– Não acredito que vou ter que suportar isso sozinha.

– Você vai se sair bem, princesa – responde ela, se soltando. – Acabe com eles. Se não com seu charme, pelo menos com aquele olhar sinistro.

– Já estou arrependida.

– Olha, aquela é a nossa mesa – diz Dezzie para Rob, apontando para uma mesa com oito lugares, onde já estavam o cara quietinho que lançou o próprio fundo de investimentos e Chaz Logan, o cara mais engraçado da nossa turma.

– Caramba, você ficou com Chaz e o bilionário? – choramingo, embora já tenha 33 anos. – Fiquei com inveja de verdade.

Dezzie olha ao redor.

– Ah, acho que sua mesa vai ser interessante.

Sigo seu olhar até uma mesa menor na lateral da tenda, perto da praia, com uma placa em formato de gaivota sinalizando: mesa 8.

E, sentado ali, sozinho, vejo Seth Rubenstein.

Sinto a respiração ficar presa na garganta, uma sensação dolorosa.

– Ah, pelo amor de Deus! – reclamo, quase rosnando.

CAPÍTULO 2

Seth

Estou me divertindo muito. *Amo* esse tipo de coisa.

Faz uma hora que cheguei ao reencontro de quinze anos da minha turma e já me atualizei sobre a última década com minha antiga dupla de Química, Gloria, e a esposa, Emily (elas são cenógrafas em Hollywood, e acabaram de adotar um cachorro), vi umas vinte fotos do bebê de Mike Wilson (muito fofo), ameacei jogar Marian no mar (amo a Marian, e ela está ótima), bebi dois coquetéis nomeados em homenagem à escola (deliciosos) e assisti a um trecho do jogo do Tampa Bay Lightning no celular de Loren Heyman (não sou muito fã de hóquei, mas acho que Loren me confundiu com outra pessoa, ele sempre me diverte).

Agora estou sentado à mesa 8, sozinho, porque, ao contrário dos meus antigos colegas que continuam enrolando, eu respeito o protocolo cuidadosamente coreografado por Marian. Além do mais, quando você é o primeiro a chegar à mesa, pode ver a reação de todos os demais quando percebem que terão que conversar com você a noite toda.

É o máximo.

Estico as pernas na cadeira, bebo um gole do Palm Bay Preptini e bato o pé ao ritmo da abertura de “Margaritaville” enquanto espero pelos meus companheiros de jantar.

Tem aqueles palitinhos de parmesão viciantes na cesta de pães – oba! –, então pego um e dou uma mordida. Uma quantidade meio vergonhosa de farelos cai em meu peito.

Estou espanando os farelos idiotas do paletó quando ergo o olhar e meu estômago se revira.

É Molly Marks, parada à sombra de uma palmeira, me encarando horrorizada.

Faz quinze anos que não nos vemos.

Desde a noite em que terminamos.

Ou melhor, a noite em que ela terminou comigo, de repente, sem nenhum aviso, de um jeito que só consegui superar no final da faculdade – e isso dependendo da quantidade de cerveja que eu bebia.

Enfio o resto do palitinho na boca de uma vez e me levanto com um sorriso largo no rosto, ainda mastigando, porque Molly não merece que eu espere até engolir.

– Molly Marks! – digo, abrindo os braços como se não houvesse nenhum motivo na face da terra para não nos envolvermos em um bom abraço nostálgico com direito a tapinhas nas costas.

Sou Seth Rubenstein, advogado, e vou *afogar* Molly no meu famoso carisma.

Ela fica parada com a cabeça inclinada para o lado como se eu fosse maluco.

Olha só, eu *sou* maluco, admito. Mas sou um maluco *gente boa*, o que Molly sem dúvida acha estranho e difícil de entender, uma vez que é uma pessoa cruel e assustadora.

– Ei, não me deixa no vácuo – digo. – Vem cá, Marksman!

Relutante, ela aceita o meu abraço e me dá três batidinhas hesitantes no ombro, *tap, tap, tap*, como se encostar mais que um dedo em mim a colocasse em risco de contrair uma doença venérea.

Que eu não tenho. Fiz todos os exames antes de vir. Só por precaução.

Eu a puxo para mais perto.

– Ei, um pouco de carinho, por favor, Marky Marks. Sou eu, seu velho amigo, Seth Rubes.

– Quem? – pergunta ela, impassível.

Dou uma risada, porque estou determinado a exalar a amabilidade descontraída de um cara bem tranquilo que não fica nem um pouco desconfortável na presença dela. E Molly sempre foi engraçada, pelo menos para as poucas pessoas com quem ela se dignava a conversar.

– Não acredito que você deu as caras nesta reuniãozinha – digo, recuando um passo para olhar bem para ela.

Ela não apareceu nos reencontros de cinco e dez anos, o que surpreendeu um total de zero pessoa.

– Nem eu – diz ela, soltando um suspiro com aquele jeito de quem está cansada do mundo, e que um dia já me deixou louco.

– Você está incrível – digo.

É claro que isso faz parte do roteiro do que devemos dizer para alguém com quem topamos em uma festa de reencontro, mas no caso dela é verdade. Molly continua com aquele cabelo castanho-escuro comprido e cheio que vai até a bunda, o que a faz se destacar entre os cabelos de corte chanel e presos de nossas colegas. Parece ainda mais alta do que eu me lembrava, com as pernas matadoras à mostra no vestidinho preto e solto que combinou com uma jaqueta de couro, uma contravenção previsível ao traje “coquetel tropical” determinado por Marian. Ela também está usando uns dez – ou vinte – colares dourados delicados, que caem em vários comprimentos, do pescoço até o decote entre seus seios, com pequenos pingentes diversos, como uma flor de cardo e o contorno do mapa da Califórnia. Fico decepcionado comigo mesmo ao admitir que quero arrancar esses colares, um por um.

Ela me olha de cima a baixo.

– Você também está ótimo. Achei que fosse parecer mais velho.

Hum.

Tento não parecer desapontado.

Acho que não consigo, porque ela leva uma das mãos de unhas perfeitas até a boca.

– Desculpa. Não foi isso que eu quis dizer. Eu...

– Você esperava ver a maturidade correspondente à minha seriedade inata? – digo, para salvá-la, porque parece que ela quer sair correndo e se enterrar na areia.

Nunca fui capaz de não tentar salvá-la de si mesma.

Não que algum dia tenha funcionado.

– Não, eu só... quis dizer, é... que você não envelheceu. Ou envelheceu, claro, mas não na mesma proporção que os demais. Está charmoso e viril, faz sentido? Meu Deus, desculpa, nossa.

Ela continua falando como se fosse um dicionário ambulante, mas sua vergonha parece genuína. Fico com pena dela.

– É o botox – respondo, brincando. – Meu cirurgião é ótimo.

Ela não ri, o que não é nenhuma surpresa. Sempre foi econômica com suas risadas. Se quiser fazê-la cair na gargalhada, precisa merecer.

Mas é muito gratificante quando acontece.

– Por favor, sente-se – digo, apontando a cadeira ao meu lado com um amplo gesto cavalheiresco.

Está vazia, porque eu não trouxe acompanhante. Ou, para ser mais exato, a pessoa que eu ia trazer cancelou de última hora ao terminar comigo, após um namoro de quase quatro meses, por mensagem de texto na noite anterior ao voo para cá.

Ela disse, assim como as últimas cinco ou seis mulheres com quem namorei, que estávamos avançando rápido demais. Que eu queria mais do que ela estava preparada para oferecer.

Talvez ela tivesse razão. Eu tendo mesmo a me jogar nos relacionamentos, na esperança de que ambos nos apaixonaremos. Por que conter o entusiasmo e o afeto natural quando qualquer mulher poderia ser a pessoa certa? Estou procurando por uma companheira para o resto da vida, minha alma gêmea, minha esposa.

E tenho certeza – *certeza* – de que logo vou encontrá-la.

Mas, obviamente, não digo nada disso a Molly.

– Quem mais está na nossa mesa? – pergunta ela, olhando ao redor.

– Marian – respondo, com algum deleite.

Molly sempre detestou Marian.

– Meu Deus, ela está igualzinha – diz Molly. – O que ela anda fazendo?

É mesmo a cara de Molly não acompanhar a vida de ninguém da nossa turma.

– Ela é executiva de publicidade – digo. – Especialista em marcas de higiene feminina.

Molly solta uma risada bufada.

– Marian vende absorventes e outras merdas do tipo?

Faço que não com a cabeça.

– Merda, não. Só absorventes.

Desta vez, ela ri.

– E como você está? O que anda fazendo? – pergunto, embora eu saiba exatamente o que Molly anda fazendo, porque ela é, pelo menos entre nossos círculos sobrepostos de amigos da escola, famosa.

Ela pega um dos palitinhos de parmesão na cesta e quebra ao meio, como se fosse um brinquedo, não uma entradinha deliciosa.

Se não estou enganado, ela está nervosa.

Eu estou deixando Molly nervosa.

Perfeito.

– Sou escritora – responde ela vagamente.

– Ah, que incrível. O que você escreve?

– Filmes. Comédias românticas.

Ela revela isso sem nenhum entusiasmo, como alguém que não quer dar brecha a mais perguntas. É minha oportunidade de torturá-la, só um pouquinho.

– Srta. Molly McMarks – digo –, você só pode estar brincando. Justo *você*, escrevendo filmes de beijinhos?

– Filmes de beijinhos arrecadam mais de 50 milhões só no fim de semana de estreia – diz ela. – Ou arrecadavam, antes de os super-heróis tomarem conta das bilheterias.

– Eu adoro super-heróis – digo. – Sem querer ofender.

– É claro que adora. Você sempre adorou uma batalha simplista entre o bem e o mal.

Isso é cruel da parte dela, mas é verdade, e não consigo deixar de gostar do fato de que ela está sendo venenosa. Me lembra do nosso namoro. Ter um amor verdadeiro aos 16 anos deixa marcas. Até hoje eu me sinto atraído por mulheres hostis.

– Eu sabia que no fundo você era sentimental – digo, o que é verdade.

Molly sempre se recusou a ir ao cinema comigo porque os filmes a faziam chorar, e ela sempre teve fobia de chorar em público.

– É um trabalho – diz ela, e vira metade de um Palm Bay Preptini.

– Cuidado aí, moça – digo. – Tem uns cinco tipos de rum nesse negócio.

Ela acena para um garçom e pede mais dois.

– Saúde – diz, me oferecendo um.

Aceito e tomo um gole.

– Hummm...

– E aí, o que você faz? – pergunta ela.

– Sou advogado. Sou sócio de um escritório em Chicago.

Admito que falo com orgulho. Me formei aos 23 anos e aos 28 já era sócio, uma conquista sem precedentes no meu escritório.

– Em que ramo do direito você atua? – pergunta ela.

Não estou tão entusiasmado em compartilhar esse detalhe. Sei que ela não vai gostar.

– Direito de família – digo, mantendo a resposta o mais vaga possível.

Molly me encara com uma expressão de descrença.

– Você é advogado de *divórcio*?

Ela tem uma aversão profunda a advogados de divórcio. O que é justificável.

Mas tento não ser como os advogados que ajudaram a destruir a vida da mãe dela quando éramos crianças. Tenho orgulho de ajudar os casais a terminarem de maneira humana, ou, melhor ainda, a se curarem.

– Não só de divórcio – respondo logo. – Também faço acordos pré-nupciais, mediação...

Os lábios dela se curvam em um sorriso ameaçador.

– É bem engraçado – diz, sem humor nenhum. – Você sempre foi um romântico incurável na escola.

– Se tem alguém que pode dizer isso é você – digo.

Seu rosto fica pálido.

Ooops. Eu não pretendia nocautear tão rápido.

Minha intenção era *arrastaaaaaaaar* a coisa toda.

No entanto, seu constrangimento me conforta.

Antes que eu possa envolvê-la em mais lembranças do que ela fez comigo na juventude, Marian chega à mesa, acompanhada de seu ex-namorado da escola, Marcus; nossa colega de intercâmbio da França, Georgette; e o acompanhante de Georgette, um homem charmoso e intimidador que parece entediado como só um parisiense em um reencontro de escola na Flórida seria capaz de estar.

– Que gracinha, olha só pra vocês dois! – diz Marian, olhando para nós.

– Como se não tivesse passado nem um dia.

Ela vira e fala com o cara francês:

– Esses dois viviam no maior *amour*.

Coloco o braço sobre os ombros de Molly e aperto.

– Ainda vivemos.

Molly estremece quase imperceptivelmente, o que pode ser por desgosto, ou por conta do frio da brisa do oceano, ou até por uma onda de desejo nostálgico por mim.

Tá, não deve ser a última alternativa.

– Não vivemos, não – resmunga.

O cara francês estende a mão para ela.

– Jean-Henri. Marido da Georgette.

– Molly – responde ela, apertando sua mão. – Chata da turma.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

